



16

DASHIELL HAMMETT
A CHAVE DE CRISTAL

tradução de
GONÇALO NEVES

LIVROS DO BRASIL

O CADÁVER NA CHINA STREET

I

Os dados verdes rolaram sobre a mesa verde, chocaram contra o rebordo e voltaram para trás. O primeiro parou imediatamente, mostrando na face superior seis pontos brancos em duas fileiras iguais. O outro foi violentamente projetado para o centro da mesa e deteve-se exibindo um único ponto branco em cima.

Ned Beaumont resmungou em surdina «Hum!» e os vencedores retiraram o dinheiro da mesa.

Harry Sloss apanhou os dados e agitou-os na sua mão branca, larga e peluda.

— Jogo vinte e cinco — anunciou, deixando cair uma nota de vinte dólares e outra de cinco sobre a mesa.

Ned Beaumont recuou, dizendo:

— Atirem-se a ele, rapaziada, que eu tenho de reabastecer. — Atravessou a sala de bilhar em direção à porta, onde encontrou Walter Ivans, que vinha a entrar. — Viva, Walt — saudou-o, e só não prosseguiu porque Ivans o agarrou pelo cotovelo e se voltou para o encarar.

— F-f-falou com o P-p-paul? — Ao pronunciar «P-p-paul», voou dos seus lábios uma chuva de saliva.

— Vou agora lá acima vê-lo. — Os olhos azul-porcelana de Ivans brilharam no seu rosto redondo e claro, mas Ned

Beaumont, carrancudo, acrescentou: — Não espere grande coisa. Se puder aguentar mais um pouco...

O queixo de Ivans contraiu-se.

— M-mas ela vai ter a c-criança m-muito em b-breve.

Um sobressalto perpassou pelos olhos escuros de Ned Beaumont. Afastou o braço da mão do homem mais baixo e recuou. Um canto da sua boca crispou-se sob o bigode negro.

— Não é a melhor altura, Walt, e... bem, se não esperar grandes desenvolvimentos antes de novembro, livra-se de uma desilusão. — Os seus olhos semicerraram-se novamente, atentos.

— Mas se f-f-falar com ele...

— Vou pintar a coisa o mais negro que puder e sabe que ele fará o possível, mas olhe que agora está em maus lençóis. — Encolheu os ombros e o seu rosto tornou-se sombrio, contrastando com o brilho vivo dos seus olhos.

Ivans humedeceu os lábios, piscou várias vezes os olhos, respirou fundo e bateu com as mãos no peito de Ned Beaumont.

— S-s-suba agora — suplicou —, eu f-f-fico aqui à s-sua espera.

II

Ned Beaumont subiu as escadas acendendo um fino charuto esverdeado. Chegado ao patamar do primeiro andar, onde pendia um retrato do governador, dirigiu-se para a frente do edifício e bateu à larga porta de carvalho no fundo do corredor daquele lado.

Quando ouviu Paul Madvig mandá-lo entrar, abriu a porta e avançou.

Paul Madvig estava sozinho na sala, em pé junto à janela,

com as mãos nos bolsos das calças e de costas para a porta, olhando para a sombria China Street através da gelosia.

Voltou-se devagar e exclamou:

— Oh, até que enfim!

Era um homem de quarenta e cinco anos, alto como Ned Beaumont, mas com mais vinte quilos em cima, sem ser gordo. O cabelo era claro, com risco ao meio, colado à cabeça. O seu rosto era bonito de uma forma rude. A roupa espampanante salvava-se pela sua qualidade e pela forma como ele a envergava.

Ned Beaumont fechou a porta.

— Queria pedir-te dinheiro emprestado — confessou.

Madvig tirou uma grande carteira castanha do bolso interior do casaco.

— De quanto é que precisas?

— Duzentos.

Madvig estendeu-lhe uma nota de cem dólares e cinco de vinte.

— Foi aos dados? — perguntou.

— Obrigado. — Ned Beaumont enfiou o dinheiro no bolso. — Sim.

— Já há muito tempo que não ganhas, não é verdade? — indagou Madvig voltando a meter as mãos nos bolsos das calças.

— Nem por isso... há um mês, mês e meio.

Madvig sorriu.

— Para quem perde é bastante tempo.

— Para mim não é. — Havia uma leve irritação no tom de voz de Ned Beaumont.

Madvig chocalhava moedas no bolso.

— Esta noite há jogo forte?

Sentou-se num canto da mesa e baixou o olhar para os sapatos castanhos e lustrosos.

Ned Beaumont lançou um olhar curioso ao homem louro e abanou a cabeça.

— Fraquinho — respondeu. Dirigiu-se à janela. Do outro lado da rua, por cima dos prédios, o céu mostrava-se negro e pesado. Ned Beaumont dirigiu-se para o telefone que estava atrás de Madvig e fez uma chamada: — Estou, Bernie. É o Ned. Quanto é que a *Peggy O'Toole* está a pagar?... Só isso? Bem, dá-me quinhentos de cada... Certo... Aposto que vai chover e, se chover mesmo, ela vence o *Incinerator*... Muito bem, nesse caso paga mais... Ótimo. — Desligou o telefone, virou-se e pôs-se novamente diante de Madvig.

— Porque é que não paras de jogar por uns tempos, enquanto estás a perder dessa maneira? — perguntou.

Ned Beaumont franziu o sobrolho.

— Não vale a pena; só serve para aumentar o azar. Eu devia ter jogado os mil e quinhentos dólares de uma assentada, em vez de os espalhar em cima da mesa. Bem podia aceitar o teu conselho e parar.

Madvig riu-se e ergueu a cabeça.

— Se fores capaz de resistir à tentação — disse.

Ned Beaumont deixou descair os cantos da boca e as pontas do bigode acompanharam-lhes o movimento.

— Sou capaz de resistir a tudo a que tiver de resistir — disse, encaminhando-se para a porta. Já tinha a mão na maçaneta quando Madvig o interpelou.

— Acredito que sejas capaz, Ned — incentivou-o com sinceridade.

— Capaz de quê? — perguntou Ned Beaumont voltando-se mal-humorado.

Madvig pôs-se a olhar para a janela.

— Capaz de resistir a tudo.

Ned Beaumont estudou o rosto de Madvig. O homem louro

mudou de posição, incomodado, chocalhando novamente as moedas no bolso. Ned Beaumont deu ao olhar uma expressão indefinida e imprimiu à voz um tom de espanto.

— Quem? — perguntou.

Madvig corou, levantou-se da mesa e deu um passo na direção do seu interlocutor.

— Vai passear! — exclamou.

Ned Beaumont riu-se.

Madvig sorriu, contido, e enxugou o rosto com um lenço de barras verdes.

— Porque é que não tens aparecido? — perguntou. — Ontem à noite, a minha mãe disse-me que há mais de um mês que não te via.

— Talvez apareça uma noite destas.

— Aparece mesmo: sabes muito bem que a minha mãe tem um fraquinho por ti. Vem jantar connosco. — Madvig guardou o lenço.

Ned Beaumont dirigiu-se novamente para a porta, com passo lento, vigiando o homem louro pelo canto do olho.

— Era por isso que querias falar comigo? — perguntou, já com a mão na maçaneta.

Madvig franziu a testa.

— Era... quer dizer... — Pigarreou. — Bem... há mais uma coisa. — Subitamente a sua hesitação desvaneceu-se, tornando-se aparentemente mais calmo e senhor de si. — Percebes mais disto do que eu. Miss Henry faz anos na quinta-feira. O que é que lhe hei de oferecer?

Ned Beaumont tirou a mão da maçaneta. Os seus olhos fitavam Madvig e já não espelhavam surpresa. Soprou o fumo do charuto.

— Eles estão a organizar uma espécie de festa de anos, não é? — perguntou.

— Estão.

— E foste convidado? — Madvig abanou a cabeça.

— Mas amanhã à noite vou lá jantar.

Ned Beaumont baixou os olhos para o charuto e voltou a erguê-los para o rosto de Madvig.

— Vocês vão apoiar o senador, Paul? — indagou.

— Acho que sim.

— Porquê?

O sorriso de Ned Beaumont era tão conciliador como o tom de voz com que formulara a pergunta.

Madvig sorriu.

— Porque, se o apoiarmos, ele derruba o Roan e com a ajuda dele conseguimos fazer aprovar a lista toda, como se ninguém nos fizesse oposição.

Ned Beaumont pôs o charuto na boca.

— Se tu — Ned deu ênfase ao pronome — não o apoiasses, será que o senador podia vencer a parada desta vez? — interrogou, ainda conciliador.

— Nem pensar — respondeu Madvig, perentório.

— E ele sabe disso? — perguntou Ned Beaumont após uma breve pausa.

— Deve saber melhor do que ninguém. E se não soubesse... Mas o que é que se passa contigo?

Ned Beaumont riu, sarcástico.

— Mas o que é que se passa contigo? — voltou a perguntar Madvig franzindo o sobrolho.

Ned Beaumont tirou o charuto da boca. A ponta estava mordida, feita em pedaços.

— Nada — respondeu. E com semblante pensativo, acrescentou: — Não achas que a lista precisa do apoio dele?

— Apoio é coisa que nenhum negócio pode ter em demasia — respondeu Madvig com indiferença. — Mas mesmo sem

a ajuda dele conseguíamos perfeitamente defender o nosso propósito até ao fim.

— Já te comprometeste com ele?

Madvig apertou os lábios.

— Digamos que a coisa já está acertada.

Ned Beaumont empalideceu e baixou a cabeça até fitar o seu interlocutor.

— Derruba-o, Paul — disse em voz baixa e rouca. — Dá cabo dele.

Madvig levou os punhos à cintura.

— Raios partam! — exclamou baixinho, incrédulo.

Ned Beaumont passou por trás de Madvig e, com os dedos finos e trémulos, amassou a ponta do charuto no cinzeiro de cobre martelado que estava sobre a mesa.

Madvig cravou os olhos nas costas do homem mais novo, até que este se endireitou e virou. Então, o homem louro sorriu-lhe com afeto e exasperação.

— O que é que se passa, Ned? — indagou num tom reprovador. — Parece que está tudo bem contigo e depois, sem qualquer motivo, descarrilas. Macacos me mordam se consigo entender-te!

— Pronto, não se fala mais nisso — retorquiu Ned Beaumont com uma careta de tédio, voltando logo à carga com uma pergunta cética: — Achas que ele vai alinhar contigo depois de ser reeleito?

Madvig não se impressionou.

— Eu consigo dar-lhe a volta.

— É possível, mas não te esqueças de que até hoje nunca lhe passaram a perna.

— Sem dúvida, e essa é uma das melhores razões que podia ter para alinhar com ele — acenou Madvig, em completa consonância.

— Olha que não, Paul — insistiu Ned Beaumont muito sério. — É a pior de todas. Pensa bem no assunto, mesmo que te doa a cabeça. Até que ponto é que estás apanhado pela estonteante loura filha dele?

— Vou casar com Miss Henry — explicou Madvig.

Ned Beaumont fez um trejeito com a boca, como quem vai assobiar, mas sem o fazer. Semicerrou os olhos e perguntou:

— Faz parte do negócio?

— Ainda ninguém sabe — retorquiu Madvig com um sorriso pueril. — Só tu e eu.

Manchas de cor assomaram ao rosto magro de Ned Beaumont.

— Podes confiar em mim — replicou com o seu melhor sorriso —, que eu não vou andar por aí a espalhar, mas dou-te um conselho: se é o que pretendes, obriga-os a pôr isso preto no branco diante de um notário, com uma garantia em dinheiro, ou, melhor ainda, insiste em casar antes das eleições. Assim ao menos garantes o teu quinhão; sem isso, ela vai-te custar os olhos da cara.

Madvig balançou-se nos pés, evitando o olhar fixo de Ned Beaumont.

— Não sei porque continuas a falar do senador como se ele fosse um impostor. É um cavalheiro e...

— Sem tirar nem pôr. Lê o que dizem a respeito dele no *Post*: é um dos poucos aristocratas que restam na política americana. E a filha é outra aristocrata. Por isso mesmo é que te estou a prevenir: põe-te a pau quando os fores visitar ou saís de lá de mãos a abanar. É que para eles não passas de uma forma inferior de vida animal, em relação à qual as regras não se aplicam.

— Oh, Ned, não sejas tão... — começou Madvig com um suspiro.

Mas Ned Beaumont lembrara-se de uma coisa. Os seus olhos brilharam com malícia.

— E convém recordar — disse — que o jovem Taylor Henry também é um aristocrata e se calhar foi por isso que proibiste a Opal de namorar com ele. O que é que vai acontecer, quando casares com a irmã e ele for tio da tua filha ou coisa que o valha? Será que assim o rapaz vai poder voltar a namorar com a Opal?

Madvig bocejou.

— Não percebeste bem o que eu queria dizer, Ned. Não te perguntei nada disso. Limitei-me a pedir a tua opinião sobre o tipo de presente que devia oferecer a Miss Henry.

O rosto de Ned Beaumont perdera a vivacidade e parecia uma máscara algo taciturna.

— Até onde é que chegaste com ela? — perguntou num tom de voz que não deixava transparecer o que tinha em mente.

— Não cheguei a lado nenhum. Estive lá uma meia dúzia de vezes para falar com o senador. Umhas vezes vejo-a, outras não, e limito-me a dizer-lhe «Como está?» ou coisa assim, sempre na presença de outras pessoas. Ainda não tive oportunidade de lhe dizer nada de jeito.

Uma expressão divertida brilhou por instantes nos olhos de Ned Beaumont, desaparecendo logo em seguida. Alisou um dos lados do bigode com a unha do polegar.

— E amanhã vai ser a primeira vez que jantas lá? — perguntou.

— Vai, mas espero que não seja a última.

— Mesmo assim não arranjaste convite para a festa de anos?

— Não. — Madvig hesitou. — Por enquanto.

— Nesse caso, a resposta não vai ser do teu agrado.

O rosto de Madvig permanecia impassível.

— E qual é a resposta? — indagou.

— Não lhe dê nada.

— Essa agora, Ned!

Ned Beaumont encolheu os ombros.

— Faz o que entenderes; limitei-me a responder à tua pergunta.

— Mas porquê?

— De certeza que não te agrada dar um presente a alguém sem saber se essa pessoa vai gostar de o receber.

— Mas não há ninguém que não goste de...

— É possível, mas a coisa é mais delicada do que parece à primeira vista. Quando se dá um presente a alguém, é como se estivéssemos a anunciar a toda a gente que sabemos que essa pessoa gosta de o receber...

— Estou a ver — concordou Madvig. Coçou o queixo com os dedos da mão direita, franziu a testa e disse: — Acho que tens razão. — O seu rosto iluminou-se e ele acrescentou: — Mas raios me partam se deixo escapar esta oportunidade.

Ned Beaumont acudiu depressa:

— Então dá-lhe flores, ou qualquer coisa do género.

— Flores? Santo Deus! Eu queria...

— O que tu querias era dar-lhe um bom cavalo ou duas fiadas de pérolas. Hás de chegar a esse ponto, mas não é já. Começa com pouco e vai subindo a parada.

Madvig fez uma careta.

— Acho que tens razão, Ned. Estás mais por dentro desse género de coisas do que eu. Sejam flores.

— E não muitas — continuou, acrescentando sem parar para respirar: — O Walt Ivans anda por aí a badalar que devias soltar o irmão dele.

Madvig puxou para baixo o colete.

— Pois fiquem sabendo que o Tim vai continuar preso até às eleições.

— Vais permitir que vá a julgamento?

— Vou — retorquiu Madvig, continuando, veemente: — Sabes perfeitamente que não posso evitá-lo. Com toda a gente a postos para a reeleição e os clubes femininos preparados para a luta, seria um suicídio ter o caso do Tim na ordem do dia.

Ned Beaumont sorriu com cinismo para o homem louro.

— Os clubes femininos não nos deram grandes preocupações — disse com voz arrastada — até nos juntarmos à aristocracia.

— Mas dão-nos agora. — Os olhos de Madvig estavam opacos.

— A mulher do Tim vai ter uma criança para o mês que vem — comentou Ned Beaumont.

Madvig expirou com força num ataque de impaciência.

— Só para dificultar as coisas — queixou-se. — Porque é que não pensam um bocado antes de se meterem em alhadas? Parece que nenhum deles tem cérebro.

— Mas têm votos.

— Isso é o pior de tudo — resmungou Madvig. Colérico, fitou o soalho durante breves instantes e ergueu a cabeça: — Assim que contarem os votos, tratamos dele, mas até lá nada feito.

— Não é assim que se trata a rapaziada — comentou Ned Beaumont olhando de esguelha para o homem louro. — Com cérebro ou sem ele, estão habituados a ser bem tratados.

Madvig empinou o queixo ligeiramente para a frente. Com os olhos de um azul-opaco bem abertos, fitou Ned Beaumont.

— E então? — perguntou com voz branda.

Ned Beaumont sorriu e conservou o seu tom categórico.

— Sabes perfeitamente que não é preciso muito para eles começarem a dizer que antigamente, antes de te meteres com o senador, era diferente.

— Ah, sim?

Ned Beaumont não cedeu, mantendo a voz e o sorriso:

— Sabes muito bem que não é preciso muito para eles começarem a dizer que o Shad O'Rory ainda cuida da sua rapaziada.

Madvig, que escutara com toda a atenção, acudiu com voz deliberadamente calma:

— Sei que não os vais deixar falar dessa maneira, Ned. Sei que posso contar contigo, que farás o possível para acabar com todos os falatórios que te chegarem aos ouvidos.

Mantiveram-se em silêncio durante alguns instantes, olhos nos olhos, com a fisionomia inalterada. Ned Beaumont rompeu o silêncio.

— Se tomássemos conta da mulher do Tim e da criança, facilitávamos as coisas.

— É isso mesmo. — Madvig baixou o queixo e os seus olhos perderam a opacidade. — Trata disso, está bem? Dá-lhes tudo o que precisarem.

III

Walter Ivans aguardava Ned Beaumont lá em baixo, com os olhos brilhantes e esperançosos.

— O q... que é que ele d-d-disse?

— O mesmo que eu lhe tinha dito: nada a fazer. A seguir às eleições, o Tim terá tudo o que precisar para sair, mas até lá não se vai mexer uma palha.

Walter Ivans baixou a cabeça a resmungar.

Ned Beaumont pousou a mão no ombro do homem mais baixo e confortou-o.

— É duro, e ninguém o sabe melhor do que o Paul, mas ele não pode mesmo fazer mais nada. Mas pediu que diga à mulher do Tim que pode deixar de pagar as contas. Manda-as todas para ele: as da renda da casa, do armazém, do médico e do hospital.